



A IMAGINAÇÃO COMO RESISTÊNCIA: A VULNERABILIDADE SOCIAL E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE EM ANNE DE GREEN GABLES

IMAGINATION AS RESISTANCE: SOCIAL VULNERABILITY AND THE CONSTITUTION OF IDENTITY IN ANNE OF GREEN GABLES

Luana Vitória Araújo  <https://orcid.org/0009-0006-1462-6022>
Universidade Federal de Uberlândia
luana.vitoria@ufu.br

Pedro Afonso Barth  <https://orcid.org/0000-0003-0882-2263>
Núcleo de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia
pedro.barth@ufu.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13561057>

Recebido em 31 de maio de 2024

Aceito em 05 de abril de 2024

Resumo: *Anne de Green Gables*, publicado em 1908 no Canadá, é um marco literário importante na representação de adolescentes. Este trabalho tem como objetivo analisar o papel da imaginação juvenil frente a situações de vulnerabilidade social, assim como os fatores constitutivos de uma mentalidade criativa e como tais aspectos são evidenciados na obra literária. A personagem título precisa aprender a lutar contra as desigualdades e o abandono, e será sua imaginação, alimentada por referências literárias, que lhe dará as ferramentas necessárias para a construção de sua identidade. Os principais referenciais teóricos são Michèle Petit (2008; 2009), Wilma Patricia Maas (2000), Teresa Andruetto (2012), entre outros. Em conclusão, tem-se a comprovação da função essencial da literatura no processo de formação do imaginário juvenil e a definição de que esse simboliza a chave para a fuga de uma realidade adversa, o que resulta na resistência da jovem Anne frente a situações de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Literatura juvenil. Vulnerabilidade social. Criatividade. Imaginação. Bildungsroman.

Abstract: *Anne of Green Gables*, published in 1908 in Canada, is an important literary milestone in the representation of teenagers. This work aims to analyze the role of youthful imagination in situations of social vulnerability, as well as the constitutive factors of a creative mentality and how they are evidenced in the literary work. The title character needs to learn to fight against inequalities and abandonment, and it will be her imagination, fueled by literary references, that will give her the necessary tools to build her identity. The main theoretical references are Michèle Petit (2008; 2009), Wilma Patricia Maas (2000), Teresa Andruetto (2012), among others. In conclusion, there is proof of the essential role of literature in the process of forming the youthful imagination and the definition that this symbol is the key to escaping from an adverse reality, which results in young Anne's resistance to social vulnerabilities.

Keywords: Juvenile Literature. Social vulnerability. Creativity. Imagination. Bildungsroman.

1. Introdução

Anne de Green Gables, de autoria da canadense Lucy Maud Montgomery, publicado inicialmente em 1908, é um dos importantes marcos literários no contexto da Literatura Infantil e Juvenil: tanto pela autoria feminina quanto pela representação de personagens femininas complexas e questionadoras do poder patriarcal. Ambientada na província da Ilha de Edward - Canadá, em uma vila chamada Avonlea, a história tem como foco a personagem Anne Shirley, uma menina órfã que tem sua vida transformada ao ser adotada pelos irmãos Marilla e Matthew Cuthbert.

A trama se inicia com uma confusão advinda do desejo dos irmãos Cuthbert de adotar um menino, mas que devido ao engano de inúmeros correspondentes, a pequena Anne chega em *Green Gables* para marcar de maneira significativa a vida de seus tutores, assim como de toda a comunidade. Após sua chegada a fazenda, acontecem inúmeras confusões e aventuras vivenciadas pela personagem destacada, como ela aproveita seu dia a dia, assim como seu processo de adaptação, crescimento e amadurecimento. Anne caracteriza-se por ser uma jovem falante e de mente fértil, aspectos que a destacam entre todos de seu meio e que alicerçam uma história que mesmo após anos desde sua primeira publicação, continua conquistando leitores ao redor do mundo.

A marca atemporal de *Anne de Green Gables* é o que assegura sua difusão e tamanha visibilidade, uma vez que retrata o protagonismo de uma jovem que vai em desencontro ao comportamento comum de sua época, que questiona e pensa criticamente, além de não se contentar com aquilo que lhe é imposto, e assim, influencia e instiga todos ao seu redor a repensar suas diretrizes estereotipadas. A relevância de tais fatores, testificados como a frente de seu tempo, asseguram a importância e a permanência da obra de Montgomery enquanto clássico da literatura infantil e juvenil, considerando ainda as discussões atemporais trabalhadas, assim como seu caráter estético, que são a marca dessa literatura emancipatória.

Como apontam Lajolo e Zilberman (2022), a gênese da literatura infantil e juvenil é fortemente marcada por seu caráter pedagógico e utilitário, sendo uma representação dos aspectos moralizantes da sociedade a qual pertence. Esse fator está diretamente ligado à manutenção dos preceitos patriarcais, que promovem os diversos estereótipos de um meio social, dentre eles a conduta feminina. Em um contexto em que a mulher era vista sob um viés de inferioridade e submissão, a figura de Anne Shirley propicia reflexões acerca das imposições sociais e culturais, visto que, mediante seu discurso emancipatório, a protagonista coloca em voga a voz feminina. Mais ainda, problematiza e altera a imagem da criança e do adolescente, confrontando um sistema social que não os enxerga como seres pensantes, evidenciando assim sua capacidade e força identitária e despertando aqueles a seu redor para questionamentos acerca de seu papel diante do meio social em que estão inseridos.

Temas considerados “difíceis” e “polêmicos” foram durante muito tempo silenciados e censurados, visto que a Literatura Infantil e Juvenil era tida como ferramenta didática (Lajolo; Zilberman, 2022). As leituras feitas por crianças e jovens estão frequentemente reféns de censuras prévias com o objetivo de proteger uma presumida inocência. Entretanto, é preciso considerar que os temas tidos como sensíveis transcorrem acerca de contendas reais e a visibilidade que a literatura promove de tais assuntos possibilita a reflexão do jovem, que enxerga sua própria realidade nas histórias lidas (Gama-Khalil, Borges, 2022). Mesmo que ainda carregue muitos valores da literatura conservadora, pode-se visualizar elementos de uma literatura mais leve, criativa e que evidencia o protagonismo feminino ativo.

Por meio do rompimento da assimetria da escrita adulta com o mundo infantil (Lajolo, Zilberman, 2022) e da presença de elementos de adequação é possível aproximar a obra de seus leitores, sendo admissível dizer que o livro em questão abre caminhos para a discussão de temas importantes para a evolução do meio social. Como apontam Gama-Khalil e Borges (2002, p. 8), “nas obras em que emergem imagens e acontecimentos relacionados aos temas fraturantes, as personagens vivem um embate com situações traumáticas [...] e as enfrentam por meio de imersões em seu eu, a partir do ‘espiar para dentro’”. O leitor de tais obras pode tanto se identificar com os dramas destes personagens, quanto pensar criticamente o conflito enfrentado (Azevedo, Barros, 2019).

Dessa forma, com o intuito de identificar o papel de uma imaginação lúdica e criativa em um contexto de vulnerabilidade social, este estudo procura evidenciar a maneira com que a literatura contribui na produção do imaginário infantil e juvenil, agindo diretamente na construção indenícia do indivíduo, assim como de agentes sociais. Tais aspectos serão expostos mediante as perspectivas de vulnerabilidade social vivenciadas pela personagem Anne Shirley e como sua mente criativa contribui para sua resistência enquanto sujeito.

2 A jornada de formação de Anne Shirley

O livro que possibilita a discussão feita neste estudo obteve sucesso imediato após sua primeira publicação em 1908 pela L. C. Page, de Boston, Massachusetts, além de marcar o início da brilhante carreira da canadense Lucy Maud Montgomery. No Brasil, a obra foi publicada em diferentes momentos.

No Brasil o livro foi publicado por três editoras, a primeira edição chamada de Anne Shirley, foi lançada em 1939 pela Companhia Editora Nacional como o 65º romance da Coleção Biblioteca das Moças, sendo traduzido por Yolanda Vieira Martins. A obra foi dividida em dois volumes e relançada no ano de 1956, em 2009 foi lançado pela editora Martins Fontes com o nome Anne de Green Gables, e tradução de Maria do Carmo Zanini e Renée Eve Levié e em 2015, pela editora Pedrazul, também levando o título Anne de Green Gables, e contando com tradução de Tully Ehlers, atualmente a obra está disponível nos principais sites de vendas e também pela editora Autêntica, desde setembro de 2019, com tradução de Márcia Soares Guimarães. (Visconti, 2020, on-line)

Os últimos relançamentos da obra estão diretamente relacionados com a adaptação para o audiovisual feita pela Netflix, a série Anne With An E, baseada no referido livro. Em ambos, tanto na série como no livro, são abordados temas de extrema relevância, como ganância, racismo, feminismo e escravidão. Mais ainda, a história retrata a maneira que Anne, apesar das grandes dificuldades a que foi submetida, encontrou amor, amizade, afeto e cuidado na pequena fazenda de *Green Gables*.

Tendo como foco a trajetória de Anne Shirley, ao longo da narrativa nota-se a manifestação de sua capacidade criativa, mesmo tendo seu passado marcado por situações de vulnerabilidade social. Demonstra ainda uma maneira própria e íntima do pensamento feminino, distanciando-se dos padrões machistas e representando resistência à predominância da perpetuação de subordinação da mulher, da constituição familiar, do bullying e dos padrões de beleza pré-estabelecidos socialmente. Esse último é identificado através das características físicas de Anne, que representa a desconstrução do estereótipo estético imposto na época.

Dessa forma, ao chegar em *Green Gables*, Anne está apenas no início de uma jornada de autoconhecimento: durante a obra a personagem irá recordar o seu passado de abandono e precisará adequar-se ao novo ambiente em que está inserida. Assim, ela passará por uma trajetória de amadurecimento que pode ser aproximada ao conceito de *Bildungsroman*, ou seja ao romance de formação. Importante considerar que *Bildungsroman* é um termo que sinaliza um gênero específico do romance alemão, que possui como obra paradigmática a obra de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Entretanto, nas últimas décadas o termo foi aproximado a narrativas que apresentam jornadas complexas de desenvolvimento de uma maturidade, de um processo autoconhecimento. Por exemplo, a pesquisadora Cristina Perreira Pinto (1990) analisou a possibilidade de um *Bildungsroman* feminino em obras de autoria feminina e assim traçou as características de jornadas de formação de mulheres. A pesquisadora Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel (2009), por sua vez, em sua tese intitulada *Narrativas Juvenis Brasileiras: em busca da especificidade do gênero*, aproximou o *Bildungsroman* a Literatura juvenil, comprovando que é uma tendência de narrativas endereçadas para jovens a presença de jornadas de transformação, em que adolescentes passam por experiências que permitem um maior autoconhecimento. A partir dessa perspectiva ampliada sobre romance de formação que a obra de Montgomery é analisada.

Segundo a pesquisadora Wilma Patricia Maas, o termo *Bildungsroman* “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade. Uma tal representação deverá promover também ‘a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance” (Maas, 2000, p. 19). Anne Shirley não alcançará em nenhuma medida tal perfeição, mas adquirirá a resistência possível para enfrentar os desafios a que será submetida.

A resistência é necessária, uma vez que Anne passa por todos os processos da adolescência sem compreender plenamente as mudanças que ocorrem com sua mente e seu corpo. Como aponta o psicanalista Contardo Calligaris, o adolescente

inicialmente, é alguém 1. que teve o tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade [...]; 2. cujo corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual como todo mundo; 3. para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória; [...] 4. cujos sentimentos e comportamentos são obviamente reativos, de rebeldia a uma moratória injusta; 5. que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos; 6. que não sabe quando e como vai poder sair de sua adolescência. (Calligaris, 2010, p. 15-21).

Assim, passar pela adolescência é enfrentar uma espécie de pressão social. Apesar de ser ambientada em uma época em que os conceitos de juventude e adolescência não tinham os mesmos sentidos da atualidade, é possível perceber na trajetória de Anne o enfrentamento com tais questões. Além disso, há outro elemento complicador: ela cresce em um contexto de vulnerabilidade social, por isso, este é um conceito de interesse neste trabalho. Segundo a publicação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2004, p. 92) a vulnerabilidade social é oriunda de situações de pobreza, ausência de serviços públicos, além de aspectos particulares como carência de vínculos afetivos. O conceito também tem implicações relacionadas ao pertencimento social, abarcando diversos âmbitos de preconceito e discriminação, como por idade, raça, deficiência e outras. Anne precisa enfrentar tais

desafios, tanto antes de chegar ao lar adotivo, como durante a estadia. Um dos elementos que tornam a personagem resiliente é justamente as referências de leitura – leituras literárias suas ou fomentadas pela imaginação. Como aponta a antropóloga francesa Michèle Petit (2008) a literatura tem um potencial para salvar jovens em situações de vulnerabilidade, é o que acontece na narrativa de Montgomery; aspecto que podemos relacionar com o fato de que

[...] uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso. Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida, e por isso, o desejo de suspender um pouco o transcurso monocórdio da própria existência para ter acesso a outras vidas e outros mundos possíveis, o que produz, por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e, por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios. Assim, as ficções que lemos são construção de mundos, instalação de ‘outro tempo’ e de ‘outro espaço’ ‘nesse tempo e nesse espaço’ em que vivemos. (Andruetto, 2012. p. 54).

A escritora e pesquisadora argentina María Teresa Andruetto aponta o quanto a literatura possibilita a vivência de outras vidas além da sua própria e como isso assegura aos sujeitos a criação de repertórios emocionais para enfrentar o mundo. Dessa forma, é por meio das histórias lidas, da ficção e da literatura que Anne consegue ir além do que está diante de si, não se contentando apenas com o que lhe é entregue, mas buscando alcançar muitas vezes o inimaginável. Sonhar dessa forma não é uma atitude leviana, mas sim um ato de resistência. Mesmo a criança e o jovem são capazes de identificar as problemáticas a sua volta e buscar por si mesmos, a sua maneira, se desvencilhar disso, expandindo os limites de suas experiências. Em *Anne de Green Gables*, o papel da leitura na construção do imaginário da protagonista é intenso e palpável, o que possibilita sua formação enquanto indivíduo e ser social frente a uma realidade proveniente das mais variadas adversidades.

A literatura é o meio pelo qual o jovem tem a capacidade de visualizar o mundo de outra forma, distanciando-se de sua realidade conflituosa, principalmente porque as histórias subsidiam representações simbólicas que norteiam a vida do leitor: “Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior”. (Petit, 2009. p. 115). Mais ainda, a literatura toma para si esse trabalho terapêutico, ao mesmo tempo em que cria a possibilidade de resistência e de alternativa, visto que apresenta ao leitor a possibilidade de viver em diferentes realidades. Ela é a ferramenta que possibilita a formação de sensibilidade do leitor.

Michèle Petit afirma ainda que:

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros (Petit, 2009, p. 266).

Ademais, outro amparo teórico utilizado neste estudo é a obra *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, também de Petit. Desta narrativa é possível compreender como a literatura corrobora para a essência de Anne Shirley: “[...] a leitura desperta o

espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização; mas também porque abre um espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas” (Petit, 2008. p. 27-28). Isto é, a leitura estimula a imaginação, característica que muitas vezes parece definir a protagonista, como também possui potencial para mudar destinos e traçar histórias, visto que tem como marca a polifonia de vozes que se inserem na mente do indivíduo, fazendo-o enxergar sua própria realidade através de inúmeras possibilidades.

Além disso, Petit pontua acerca da hospitalidade da leitura, visto que os jovens leitores são aqueles que mais demonstram curiosidade pelo mundo real e pelas questões sociais que o compõem. Dessa forma, a leitura possibilita o saber de outras realidades, situações, lugares e pessoas que se diferem das suas próprias. Isso contribui para a afirmação de que a leitura é a chave para uma série de transformações e o prelúdio para uma cidadania ativa, ou ainda no “[...] papel que a leitura pode desempenhar na elaboração da subjetividade, na construção de uma identidade singular e na abertura para novas sociabilidades, para outros círculos de pertencimento”. (Petit, 2008. p. 12). Além disso, é possível destacar também a pluralidade existente na literatura e como essa corrobora na expressão da subjetividade do jovem leitor.

3 Resistência e Imaginação: a literatura como direito.

Durante muito tempo, as obras literárias infantis e juvenis eram reproduções de paradigmas sociais e condutas autoritárias de obediência, refletindo assim os valores predominantes da época. Dessa forma, possuíam uma função utilitária bem demarcada, principalmente por meio de personagens que eram reflexos desses moldes e valores sociais, tendo como consequência a limitação criativa da criança e do jovem (Lajolo; Zilberman, 2022). Contudo, a obra analisada se desprende de tais valores moralizantes de conduta social, trazendo o adolescente para o centro do processo criativo, em que é construído uma história acerca de sua subjetividade e adversidades frente ao seu contexto social. Isso possibilita inúmeras discussões a respeito da maneira com que a capacidade de criar um mundo novo e possível em sua mente corrobora para a formação de um indivíduo crítico e ativo, mesmo que sua história seja marcada por questões de vulnerabilidade social.

Anne renuncia ao papel de fragilidade ao ser descrita com uma beleza e originalidade que vão em desencontro aos padrões convencionais da literatura infantil e juvenil, também sendo realçadas pela determinação e autonomia em seus discursos e atitudes. Isso pode ser evidenciado por meio da seguinte passagem:

Agora o senhor sabe por que eu não posso ser perfeitamente feliz. Ninguém que tenha cabelo vermelho pode ser. Não me importo muito com as outras coisas: as sardas, os olhos verdes e a minha magreza. Posso imaginar que essas coisas sumiram. Posso imaginar que tenho uma linda pele de tom rosa pálido e adoráveis olhos brilhantes violeta. Mas *não consigo* imaginar que o cabelo ruivo desapareceu. E faço o melhor que posso para que isso aconteça (Montgomery, 2021, p.19).

Observa-se que a contrariedade de Anne a respeito de suas características físicas, principalmente o cabelo ruivo, são reflexos de uma vontade de adequação, visto que sua singularidade a difere dos demais e a distancia do que considera normal e adequado. Por não encontrar traços semelhantes, ela não consegue se visualizar nas outras garotas, o que a torna tanto física quanto socialmente distinta. Diante disso, entende-se como Anne sofre consequências da determinação cultural que rege a sociedade em que se faz

presente, visto que a imposição de padrões de beleza é algo notório ao se evidenciar as diversas críticas sofridas por ela com relação a sua aparência.

Mas há muito pouco escopo para a imaginação em um orfanato... só mesmo os outros órfãos. Era muito interessante imaginar coisas sobre eles... imaginar que talvez a garota sentada ao seu lado na verdade era a filha de um conde cintado, que havia sido raptada de seus pais ainda bebê por uma babá cruel que morreu antes de poder confessar seu crime. Eu costumava passar as noites em claro na cama imaginando coisas desse tipo, pois durante o dia eu não tinha tempo. Acho que é por isso que estou tão magra assim... Eu *estou* terrivelmente magra, não é? Não tem uma carne para morder nos meus ossos. E eu adoro imaginar que estou bonita e roliça, com covinhas nos meus cotovelos (Montgomery, 2021, p.16).

Nesta passagem, a personagem título oferece um vislumbre do seu ponto de vista acerca de seu antigo lar, o orfanato, e como esse era incompatível com seu espírito livre e criativo. Nota-se a forma como a orfandade se faz presente enquanto uma questão de vulnerabilidade social e como isso interfere na construção de sujeito. O fato de Anne usar sua imaginação para lidar com os desdobramentos da vida diz respeito à forma como ela escolhe lidar com o que lhe é entregue. Mesmo sendo privada de necessidades básicas como carinho, afeto e meios para uma infância digna, ela se mostra uma menina alegre, inteligente e cativante. Mais ainda, é possível identificar como sua imaginação era o meio pelo qual ela vivia tudo aquilo que desejava em sua realidade, tais como seu anseio de ser “bonita e roliça”.

Partindo desse viés, é possível questionar quão nociva é a imposição de padrões de beleza, principalmente em fases de formação identitária, como é observado em Anne, quando essa deseja se adequar aos moldes estéticos da época. Em uma de suas tentativas de adequação a menina pinta seu cabelo na esperança de que ficasse “com um lindo tom de preto”, mas o resultado não sai como esperado:

- Sim, está verde – gemeu Anne. – E eu achava que nada podia ser pior do que cabelos vermelhos. Mas agora sei que é dez vezes pior ter os cabelos verdes. Oh, Marilla, você mal sabe como estou completamente infeliz. (Montgomery, 2021, p. 212).

Além disso, o contato inicial de Anne com o lar adotivo também tematiza questões de gênero, como é possível observar no trecho a seguir

- Vocês não me querem! - berrou ela.- Vocês não me querem porque eu não sou um menino! Eu deveria ter esperado por isso. Ninguém jamais me quis. Eu deveria ter me dado conta de que era tudo lindo demais para ser verdade. Eu deveria ter percebido que de fato ninguém me queria. Oh, o que farei? Vou desatar a chorar! (Montgomery, 2021, p. 26).

Por meio dessa fala de Anne é possível perceber que ela está acostumada com a realidade desprovida de acontecimentos positivamente marcantes, visto que declara já esperar por tal desfecho. Nota-se ainda que o sentimento de desprezo e rejeição é latente nela, tão acostumada a nunca ser desejada e estar sempre sozinha no mundo.

Quando Anne descreve a única vez em que comeu bombom de caramelo com chocolate: “Desde então, sonho com frequência que tenho muitos bombons caramelo com chocolate” (Montgomery, 2021, p.29), observa-se os desejos comuns de uma criança que devia ser inserida em um meio em que coisas assim não são apenas desejadas, mas reais e até mesmo rotineiras, mas que para ela são vividas apenas na

imaginação. Isso é mais uma prova de sua realidade social e mais um item da inúmera lista de restrições às quais é submetida.

A condição de vulnerabilidade social de Anne é retratada diversas vezes, como em: “Ela havia olhado para muitos lugares nada adoráveis em sua vida, coitadinha; mas este era tão adorável quanto qualquer coisa que ela jamais sonhara.” (Montgomery, 2021, p. 35). O trecho destacado testifica a ideia anteriormente apresentada, de que a menina não havia sido exposta a lugares agradáveis e deleitosos devido sua condição de orfandade, e que onde se encontrava agora contrastava de tal forma que chegava a ser incompatível até mesmo com sua imaginação, local em que idealizava tudo a seu bem querer. Assim, essa passagem demonstra o encantamento de Anne por *Green Gables*.

Uma característica dos jovens em processo de formação é sua maneira singular de se reconhecerem e compreender o mundo e as pessoas ao seu redor, principalmente como esses os identificam e os tratam. Mágoas e decepções observadas em diferentes sujeitos geralmente advêm do acúmulo de vivências adversas, momentos de dificuldade e diferentes tipos de desgastes. Contudo, mesmo a jovem Anne tendo, o que se pode dizer, experiências compatíveis com a muitos adultos, não demonstra a mesma amargura ou revolta com aqueles que a feriram ou contribuíram para a expressividade de sua condição de vulnerabilidade e discriminação. Isso pode ser identificado no diálogo entre a personagem e a senhorita Cuthbert, quando essa a questiona acerca de suas vivências anteriores:

- Ah, elas tinham essa *intenção*... Eu sei que elas queriam ser tão boas e gentis quanto possível. E, quando as pessoas têm a intenção de tratá-lo bem, você não se importa tanto quando não o tratam tão bem assim... sempre. Elas tinham muitas coisas com as quais se preocupar, sabe. É muito complicado ter um marido ébrio, sabe; e deve ser muito complicado parir três pares de gêmeos seguidos, a senhorita não acha? Mas tenho certeza de que elas tinham a intenção de me tratar bem (Montgomery, 2021, p.43).

Quando Anne conta a Marilla a respeito de como a senhora Thomas e a senhora Hammond a tratavam, percebe-se o contraste da inocência e o coração bondoso de uma criança em relação à realidade adulta representada pelo comportamento das duas senhoras. Mesmo que as mulheres não tivessem dado exemplo de bom comportamento para Anne, essa não enxerga a maldade e escolhe não se apegar a parte negativa, pelo contrário, extrai o melhor de tudo, inclusive do comportamento das mulheres para com ela. Novamente a protagonista demonstra ter um grande controle daquilo que acontece a ela e de como faz de tudo para viver da melhor maneira possível.

Outrossim, compreende-se os desdobramentos advindos da forma com que a sociedade enxerga e trata indivíduos que se encontram nesse lugar vulnerável, suscetível a diversos tipos de preconceitos e estigmas. Diante disso, é possível aguçar o olhar do leitor a respeito da maneira com que muitas vezes a protagonista é referida: “órfã indesejada” (Montgomery, 2021, p.48) e como isso corrobora para a visão de si mesmo e construção identitária, visto que o indivíduo muitas vezes toma para si essas supostas verdades e passa a acreditar em sua veracidade. Mais ainda, dentre as falas carregadas de significância e de estigmas sociais, tem-se a marca de orfandade de Anne: “[...] vestido de uma menina órfã”. (Montgomery, 2021, p.82), que é representada até mesmo pelo vestuário, sendo constantemente rotulada como tal, o que comprova a humanidade negligenciada da protagonista. Quando a personagem Josie declara: “Eu disse a ele que você era uma órfã que os Cuthberts tinham adotado e que ninguém sabia muito sobre a sua vida antes de você ser adotada” (Montgomery, 2021, p.274), mostra claramente sua visão e a forma com que as pessoas enxergavam Anne consoante sua orfandade, isto é, de acordo com sua condição de vulnerabilidade social.

Além disso, o que dizem sobre ela, somado a sua própria percepção, corrobora para a declaração: “[...] eu estava imaginando que era uma das crianças... que eu era aquela menininha de vestido azul, de pé sozinha no canto, como se não pertencesse a ninguém, assim como eu”. (Montgomery, 2021, p.60). A fala da personagem comprova como a protagonista entendia muito bem sua condição e situação em que estava inserida. Não apenas entendia, como demonstra acreditar na própria insignificância, podendo ser observado em sua declaração: “- Oh, não vale a pena contar o que eu *sei* sobre mim mesma, na verdade” (Montgomery, 2021, p.41), que retrata como ela é profundamente afetada pela condição de fragilidade e como está arraigada em si a visão que o meio tem dela e de pessoas na mesma situação.

Outro aspecto da condição de vulnerabilidade social vivenciada por Anne está no fato de ela querer tanto “Uma amiga do peito. Uma amiga íntima, sabe? Uma alma irmã de fato, para quem eu pudesse confessar o que sinto em meu âmago. A vida toda tenho sonhado em encontrá-la” (Montgomery, 2021, p.61). Isso demonstra sua profunda carência emocional e ausência de vínculos afetivos, visto que desejava tão desesperadamente estabelecer laços profundos com alguém. Ela não queria mais ver-se só, mas ter alguém que compartilhasse de suas ideias, percepções, opiniões e momentos. Essa carência tem como base uma infância solitária, como se comprova a partir do relato: “[...] eu costumava fingir que o meu reflexo nela era outra garotinha que vivia ali dentro. Eu a chamava de Katie Maurice, e éramos muito íntimas”. (Montgomery, 2021, p.62). É possível perceber como Anne se sentia sozinha, a ponto de criar amigas imaginárias para suprir a falta de uma de verdade. “Ora, Diana, eu não pensava que alguém seria capaz de me amar. Desde que me entendo por gente, nunca alguém me amou”. (Montgomery, 2021, p.131). Através desse fragmento, compreende-se que a protagonista entendia com clareza os sentimentos, ou a falta deles, das pessoas para com ela, assim como a ausência do amor e do afeto em sua vida. A menina foi tão profundamente negligenciada que nem mesmo concebia a ideia de um dia ser verdadeiramente amada por alguém.

Outra marca da carência da protagonista está em sua falta de pertencimento, como ela própria diz: “Mas é um milhão de vezes melhor ser Anne de Green Gables do que Anne de nenhum lugar em especial, não é?” (Montgomery, 2021, p. 64), sendo possível ver como Anne sonhava em pertencer a alguém ou a algum lugar, em ser acolhida e representada de alguma forma. Assim como em: “- É adorável estar indo para casa e saber que se trata do seu lar - comentou ela. - Já amo Green Gables, e jamais amei um lugar. Nenhum lugar jamais se pareceu com um lar para mim”. (Montgomery, 2021, p.80). Nota-se sempre um contraste entre um querer demasiado e uma ausência sentida profundamente.

Esse fator também se reflete em sua marca identitária, pois a protagonista, como visto, é caracterizada de maneira estigmatizada e muitas vezes preconceituosa, sempre refletindo marcas de sua vulnerabilidade. Ela enfatiza um desejo de ser reconhecida para além de suas fragilidades sociais e emocionais, o que pode ser comprovado logo no início da narrativa, quando se apresenta para Marilla (Montgomery, 2021, p.28): “Sempre imaginei que meu nome era Cordelia [...]. Mas, se a senhorita for me chamar de Anne, por favor, chame-me de Anne, com “e” no final. [...] Com ‘e’, ele tem uma *aparência* muito melhor [...], e A-n-n parece horrível, mas A-n-n-e parece ter muito mais distinção”.

Nota-se então que o desejo de Anne em ser chamada de maneira específica simboliza sua vontade em ser marcada de forma identitária, algo que pode ser relacionado com a necessidade juvenil de pertencimento (Petit, 2009). Levando em conta que ela é uma órfã que até então recebera muito pouco da vida e que esse pouco

era compartilhado com outros na mesma situação que ela, ter algo, um nome, só seu, era muito importante. Ela desejava ser conhecida por quem é, sem estar vinculada às condições a que pertence.

Outro aspecto a ser destacado neste estudo é a criatividade, podendo-se afirmar que esse é um fator essencial para esta concepção de existência do sujeito, sendo possível dizer que Anne faz uso disso como um recurso para um viver criativo, o que é muito importante, visto que a criatividade é antagônica à conformidade da realidade externa. A criatividade de Anne é arma e instrumento de fuga para sua complicada realidade social, assim como também demonstra criatividade ao ser atuante em sua vida e na resolução de adversidades. Esse viver criativo proposto é associado à possibilidade do indivíduo de criar sua própria história. Para além, Anne demonstra não se colocar em um papel de vítima das circunstâncias de sua vida. Pelo contrário, a menina entende que existem certos traços sobre ela mesma e sua história que não podem ser mudados, mas que isto não determina sua existência. Neste sentido, Anne, mesmo decepcionada, afirma ser a protagonista de sua história, mostrando que, sendo criativo, o sujeito tem capacidade de descobrir seu "eu" e achar-se em unidade.

Percebe-se então que Anne consegue expressar quem é e agir consoante seus preceitos, sendo fiel a si mesma, ainda que mediante circunstâncias e espaços desfavoráveis, admitindo seus defeitos, mas sem menosprezar ou invalidar suas qualidades, que ela não permite serem anuladas por suas limitações. Isso pode ser comprovado em seu discurso: “E pensar que ela na verdade não ia ficar ali! Mas ela imaginaria que ficaria. Aqui havia escopo para a imaginação”. (Montgomery, 2021, p. 34). O trecho retrata como a protagonista usa sua imaginação como fuga da realidade, já que apenas nesse cenário utópico seus sonhos são realizáveis. Aqui, a decepção é tamanha que ela se submete à imaginação para fugir da verdade de que não ficará em Green Gables.

Além disso, constata-se que Anne necessita estar em ambientes que lhe possibilitem o afloramento de seu imagético, traço tão marcante de sua personalidade. Mas, infelizmente, como já visto, ela não desfrutou de muitos lugares que lhe possibilitassem isso. Contudo, mesmo tendo uma existência repleta de adversidades e de se ver ante a situações que a decepcionavam, como a representada, ela consegue usar sua imaginação para vivenciar o melhor de tudo o que lhe é entregue, por isso sua capacidade criativa tem destaque tão importante em sua constituição de sujeito e como foco neste artigo, visto que sem esse elemento formador a protagonista vivenciaria os momentos aqui descritos de maneira muito diferentes aos narrados.

Ademais, outro aspecto a ser levantado aqui é acerca das contribuições externas para a construção desse imaginário criativo evidenciado em Anne. Partindo do pressuposto de que “saídas nos são oferecidas para que não sejamos atingidos pelos componentes destrutivos daquilo com que somos confrontados” (Petit, 2009. p. 33), entende-se que uma dessas saídas que nos são oferecidas é a leitura e a literatura como um todo, tendo em vista seu papel determinante na vida do indivíduo. Isto é, a leitura é uma saída, um caminho para se desviar de percursos já pré-determinados. Considera-se então que o que possibilita e potencializa a imaginação de Anne são as histórias lidas por ela, o que demonstra a importância e capacidade de formação das narrativas na vida do jovem. A literatura vem para instruir, elucidar, divertir, deleitar e educar, construindo um mundo em que a criança se identifica e se sente livre para desenvolver suas capacidades intelectuais, pessoais e sociais, visto que ela ainda está em um processo de formação de experiências reais. Com isso, entende-se que a literatura é uma fonte saudável de alimentação para a imaginação infantil e juvenil. Em diversos momentos no

decorrer da história nota-se a prática literária da menina, podendo ser comprovada pelos seguintes trechos:

Sei ler muito bem e tenho decorados muitos poemas: “A Batalha de Hohenlinden”, e “Edimburgo depois de Flodden”, e “Bingen do Reno”, e quase todas as partes de “A Dama do Lago” e de “As Estações”, de James Thompson. A senhorita não ama poesia que faz com que calafrios percorram as suas costas? Tem um trecho do Quinto leitor, “O ocaso da Polônia”, que é muito emocionante. É claro que eu ainda não estava estudando com o Quinto leitor, ainda estava no Quarto leitor, mas as meninas mais velhas costumavam me emprestar os livros delas para eu ler (Montgomery, 2021, p. 43).

Anne é apresentada como leitora de poesias e de outros gêneros literários como em “Diana vai me emprestar um livro para eu ler. Ela diz que é um livro perfeitamente esplêndido e tremendamente emocionante”. (Montgomery, 2021, p.91). Além disso, no seguinte trecho: “É muito bom ler sobre tristezas e imaginar a si mesmo suportando-as heroicamente, mas não é tão bom assim quando de fato se passa por elas, não é mesmo? (Montgomery, 2021, p.36), é possível compreender como Anne se identifica com algumas histórias, seja pela representação de personagens que lidam com problemáticas semelhantes as delas, ou mesmo as que refletem seus anseios mais íntimos, em que os personagens têm papel fundamental em sua construção identitária, permitindo que essa menina repleta de ausências consiga preencher seus vazios criando um mundo só seu, se visualizando nessas personagens e aprendendo o poder do imaginário. Isso mostra como uma obra tem o poder de nutrir a vida, “Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima [...] estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados” (Petit, 2009. p. 21). Vinculado a isso, destaca-se a afirmação de Petit:

[...] as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito. Mas o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais. Ainda mais quando essa leitura não provoca um decalque da experiência, mas uma metáfora (Petit, 2009. p. 32).

A autora aponta que em situações de crise, a leitura é um caminho para se recuperar a experiência da criança, que em um ambiente calmo e protetor, se restabelece e se emancipa. Isso pode ser observado na narrativa que dá base a este estudo, visto que Anne se emancipa após encontrar em Green Gables não apenas os suportes de uma existência digna, mas conteúdos afetivos que suprem suas ausências emocionais. Essa identificação e vinculação de sentimentos e vivências comprovam o que Petit (2008) denomina como alquimia da recepção, que é a ação realizada pelos leitores de se apropriarem dos textos e dar a eles um novo significado, fazendo com que eles reflitam cada vez mais sua subjetividade. Além disso, é possível pensar que o ato de leitura simboliza a busca constante de nós mesmos, visto que procuramos nossos reflexos, como também características que gostaríamos de vermos serem integradas a nossa composição pessoal. Esse ato e encontro consigo mesmo é de extrema relevância para o processo de constituição de um sujeito, visto que a leitura permite ao jovem expressar sua singularidade.

Diante dos fragmentos e questionamentos acerca dos temas em voga, é certificado a defesa de Petit (2008; 2009) de que os livros auxiliam no afastamento da dor, do medo e outros sentimentos tão constantes na vida de jovens em situação de

vulnerabilidade social, visto que essas histórias ajudam a transformar sentimentos negativos em ideias e a reencontrar a alegria. Com isso, entende-se que a leitura, além de gerar possibilidades, propicia a maior condição dos jovens para resistir às adversidades e marginalização, assim como construir pensamentos positivos mesmo diante de situações em que a alegria é um elemento raro. O que é evidenciado de diversas formas, como visto, através da personagem Anne Shirley. A leitura é um ato plural, que corrobora para a construção do sujeito, que é de extrema relevância na juventude, uma vez que para os jovens, “o livro desbanca o audiovisual na medida em que permite sonhar, elaborar um mundo próprio, dar forma à experiência” (Petit, 2008. p. 20).

Ainda destacando Petit, quando essa afirma: “E se a leitura desperta o espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização; mas também porque abre um espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas [...]” (Petit, 2008. p. 27-28), entende-se que as histórias podem, assim, trabalhar na formação moral, social e literária do leitor, acompanhando-o em seus momentos particulares e fornecendo, por intermédio da troca do real, a melhor compreensão do mundo. Isto é, a leitura contribui positivamente na autonomia dos jovens. Nesse sentido, defende-se a apropriação da literatura nessa tarefa, na medida em que ela, além de mais crítica, torna-se mais capaz de explorar melhor a experiência humana.

É importante salientar a respeito de como a representação da infância e juventude propicia a aproximação entre a protagonista e o leitor. Nessa obra em específico, aqueles leitores que enfrentam condições de vulnerabilidade, discriminação e carência, conseguem vivenciar esse contato de maneira mais direta. Além do rompimento da assimetria, em que se visualiza o protagonismo infantil, com experiências e problemáticas compatíveis com a sua faixa etária, nota-se a forma com que Anne consegue agir sob seus instintos, não se permitindo ser rotulada em moldes que não condizem com sua natureza livre e vivaz. O leitor de *Anne de Green Gables*, consegue ver-se nessa personagem, encontrando força para lidar com a sua própria dificuldade de enquadramento dentro dos estereótipos. Essa identificação ocorre de maneira particular a cada leitor, de acordo com suas experiências de vida e conhecimento de mundo, o que faz com que cada aspecto seja sentido e refletido de modo distinto por cada um.

Por fim, outro ponto a ser levantado nessa discussão é acerca das marcas de *Bildungsroman* em *Anne de Green Gables*. Considerando seu significado enquanto “romance de formação” (Maas, 2000, p. 19), identifica-se a evolução da protagonista ao longo da história, suas ideias, postura, compreensão de mundo e também acerca de si mesma. É notório a forma com que a aceitação de sua singularidade é refletida em uma postura mais confiante, como ela não se deixa abater pelos estigmas rotulantes, mas prova seu valor por meio de ações. É possível perceber a jornada do seu amadurecimento durante a narrativa – e as obras seguintes aprofundam especialmente o autoconhecimento da personagem sobre si mesma.

Ao contrário do que se acreditava, as pessoas acabam não a influenciando de maneira permanente, mas sim a comunidade de Avonlea que se encanta por essa jovem espirituosa e de mentalidade fértil. A característica de romance de formação em Anne é marcada pela cronologia da história, já que a menina se encontra com 11 anos do início da narrativa e a no fim já é uma jovem de 16 anos. O amadurecimento intelectual da protagonista é expresso em diversas passagens que evidenciam a mudança em suas atitudes e pensamentos críticos, como nota-se no seguinte fragmento:

- Não sei... não tenho mais vontade de falar tanto assim [...] É melhor ter pensamentos lindos e queridos e guardá-los em seu coração, deito tesouros. Não gosto que riam ou se espantem com meus pensamentos. E, de algum modo, não tenho mais vontade de usar palavras difíceis. É quase uma pena, não é mesmo? Agora que de fato estou ficando adulta o bastante para dizê-las se de fato desejasse. De certo modo, é divertido ser quase adulta, mas não é o tipo de diversão que eu esperava, Marilla. Há tanto a aprender e fazer e pensar que não há tempo para palavras difíceis (Montgomery, 2021, p. 248).

Comprova-se então o amadurecimento de Anne, a forma com que ela perde algumas características infantis e adquire uma maturidade diante das novas responsabilidades dessa nova fase da vida. Esse amadurecimento, contudo, não interfere em sua essência cativante e capacidade imagética. De certa forma, tudo aquilo que a define permanece intacto, apenas com a diferença de realidade devido a nova vida construída em Green Gables. Além disso, suas mudanças comportamentais se estendem ao fim de práticas anteriormente consideradas importantes, como o clube de contos criado por ela e suas amigas, que passa a ser visto como algo bobo e frívolo.

Mais ainda, uma mudança notória em Anne está na aceitação de si mesma, que contrasta com a menininha do início da narrativa, que sonhava em ser "Cordélia" e que não conseguia se aceitar de maneira genuína. Em sua fala: "Bem, não quero ser ninguém além de mim mesma". (Montgomery, 2021, p.267), é possível identificar sua evolução, visto que quando chega em Green Gables acredita que não seria aceita devido suas características físicas, personalidade dessemelhante e condição de vulnerabilidade. Contudo, esse fragmento demonstra como ela não se prende mais a esse pensamento, uma vez que declara não desejar ser ninguém além dela mesma. Sua aceitação é o maior sinal de uma maturidade construída por meio de experiências em um ambiente adequado, do contato com elementos essenciais a uma vivência digna e laços afetivos verdadeiros. Outra marca de seu amadurecimento está na passagem em que ela declara:

- Não mudei nem um pouquinho, não de fato. Só fui podada e aparada. Meu verdadeiro *eu* - aqui no âmago- é exatamente o mesmo. Não vai fazer a menor diferença para onde eu vou ou quanto eu mude por fora: no do meu coração, serei sempre a sua pequena Anne, que vai amar você e o Matthew e a querida Green Gables e melhor a cada dia da vida dela (Montgomery, 2021, p. 270).

A maturidade de Anne também é identificada por meio da mudança de percepção de si mesma e como passa a aceitar sua essência, reconhecendo igualmente que não é mais a mesma menina que chegou à casa de Matthew e Marilla anos antes. A Anne da fala reconhece e se orgulha de quem é, diferente da menina que desejava tão desesperadamente ser outra pessoa e que preferia viver no mundo da fantasia a encarar a própria realidade. Além disso, seu percurso de formação não é perceptível apenas por ela, mas também por aqueles a seu redor:

Anne tem tantas nuances quanto o arco-íris, e cada nuance é a mais bonita que há enquanto dura. Não sei se ela é tão divertida quanto era quando criança, mas ela faz com que eu a ame, e gosto de pessoas que fazem com que eu as ame. Isso me poupa o enorme trabalho de fazer a mim mesma amá-las (Montgomery, 2021, p. 279).

O comentário da senhorita Barry a respeito de Anne mostra a percepção das pessoas para com a mudança e adquirida maturidade da menina, o que comprova sua trajetória de formação. Como também no diálogo entre a senhora Lynde e Marilla: "-

Em alguns sentidos, ela ainda conserva muito do seu jeito de menina. - Em outros sentidos, ela já é uma mulher feita” (Montgomery, 2021, p.301), que mostra como as pessoas também tinham consciência das mudanças de Anne. Mais ainda, mesmo que ela já seja uma mulher com jeitos de adulta, em sua essência ainda é aquela mesma menina sonhadora de olhar brilhante.

3. Considerações Finais

Anne, personagem central da obra *Anne de Green Gables*, teve uma infância conturbada por ter sido exposta a situações não compatíveis com sua idade e necessidades. A orfandade, somada às experiências adversas, são exemplos dessa condição vulnerável, que evidenciam sua bagagem emocional e desencadeiam consequências para sua vida, uma vez que interferem em sua formação identitária. Porém, sua criatividade, inventividade e autoestima, construídas por meio de leituras literárias e da vida construída em seu lar adotivo permitiram que a personagem enfrentasse seus traumas, muitos considerados temas fraturantes. O fato de ela usar sua imaginação para lidar com os desdobramentos da vida diz respeito a forma que ela escolhe lidar com o que lhe é entregue, mostrando que é uma menina inteligente e vivaz, mesmo sendo privada de elementos básicos, isto é, até ter todas as suas ausências preenchidas em *Green Gables*.

Ademais, este trabalho elucidava não apenas a maneira de se compreender as influências e consequências de uma existência marcada pela adversidade, como também é possível identificar a importância e efeitos de uma mente ativa diante de problemas socialmente determinantes. Anne é conhecida por sua língua afiada e por sua imaginação aguçada, o que, em um primeiro momento, a torna diferente dos demais.

Contudo, é justamente essa potência de imaginação criadora que a salva de uma vida tediosa e enfadonha, que a ajuda a não se voltar para os estigmas sociais que parecem defini-la ante a sociedade. Reconhecida por sua capacidade criativa, Anne se mostra uma menina muito inteligente e resistente, o que a ajuda a encarar os infortúnios da vida. Isto é, a imaginação de Anne tem papel fundamental em sua condição de vulnerabilidade social, visto que ela simboliza possibilidades de enfrentar e escapar das adversidades. É por meio do criativo, de mundos criados através de sua imaginação, que Anne consegue resistir e desconstruir os estigmas impostos sobre ela.

Por fim, verifica-se através da trajetória da personagem, aspectos que testificam a presença de um *Bildungsroman*. O amadurecimento de Anne é exemplificado pelos fragmentos extraídos da obra de forma que se compreende a evolução da personagem desde o início da narrativa até o final. A importância de um lar afetivo, provido de elementos necessários a uma existência digna e experiências adequadas a cada faixa etária são visíveis na personagem, que após uma mudança de realidade, constrói uma visão adequada de si mesma, longe de estigmas sociais.

Diante disso, compreende-se que o estudo conseguiu atingir os objetivos propostos, de vincular o imagético juvenil à condição de vulnerabilidade social na obra *Anne de Green Gables*, além de utilizar um arcabouço teórico que facilita a compreensão do tema, de forma que engloba não apenas o que é explícito no título, como também os elementos constitutivos para a formação identitária da protagonista.

Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma Literatura sem adjetivos**. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

AZEVEDO, Fernando; BARROS, Lúcia. Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção. **Em aberto**, Brasília, v. 32, n. 106, p. 77-92, maio/ago. 2019.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2010.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **Narrativas Juvenis Brasileiras: em busca da especificidade do gênero**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), 2009. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

GAMA-KHALIL, Marisa; BORGES, Liliân Alves. A mirada interna nas tramas das literaturas para crianças e jovens. In: GAMA-KHALIL, Marisa; BORGES, Liliân Alves. OLIVEIRA-IGUMA, Andreia (Org.) **“Espiar pra dentro”**: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**: Editora Unesp: São Paulo, 2022.

MAAS, Wilma Patrizia. **O cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora Unesp. 2000.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2004). **Política Nacional de Assistência Social - PNAS/2004**. Norma Operacional Básica - NOB/SUAS. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. Tradução: João Sette Camara. 1.ed. Jandira: Principis, 2021. *E-book*.

PETIT, Michèle. **A Arte de Ler: ou como resistir à adversidade**. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução: Celina Olga de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

VISCONTI, Priscila. **Anne de Green Gables - Uma garota tagarela, cheia de sonhos e atitudes**. O Barquinho Cultural, São Paulo, 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://obarquinhocultural.com/2020/04/29/anne-de-green-gables-uma-garota-tagarela-cheia-de-sonhos-e-atitudes/>. Acesso em: 20 out. 2023.